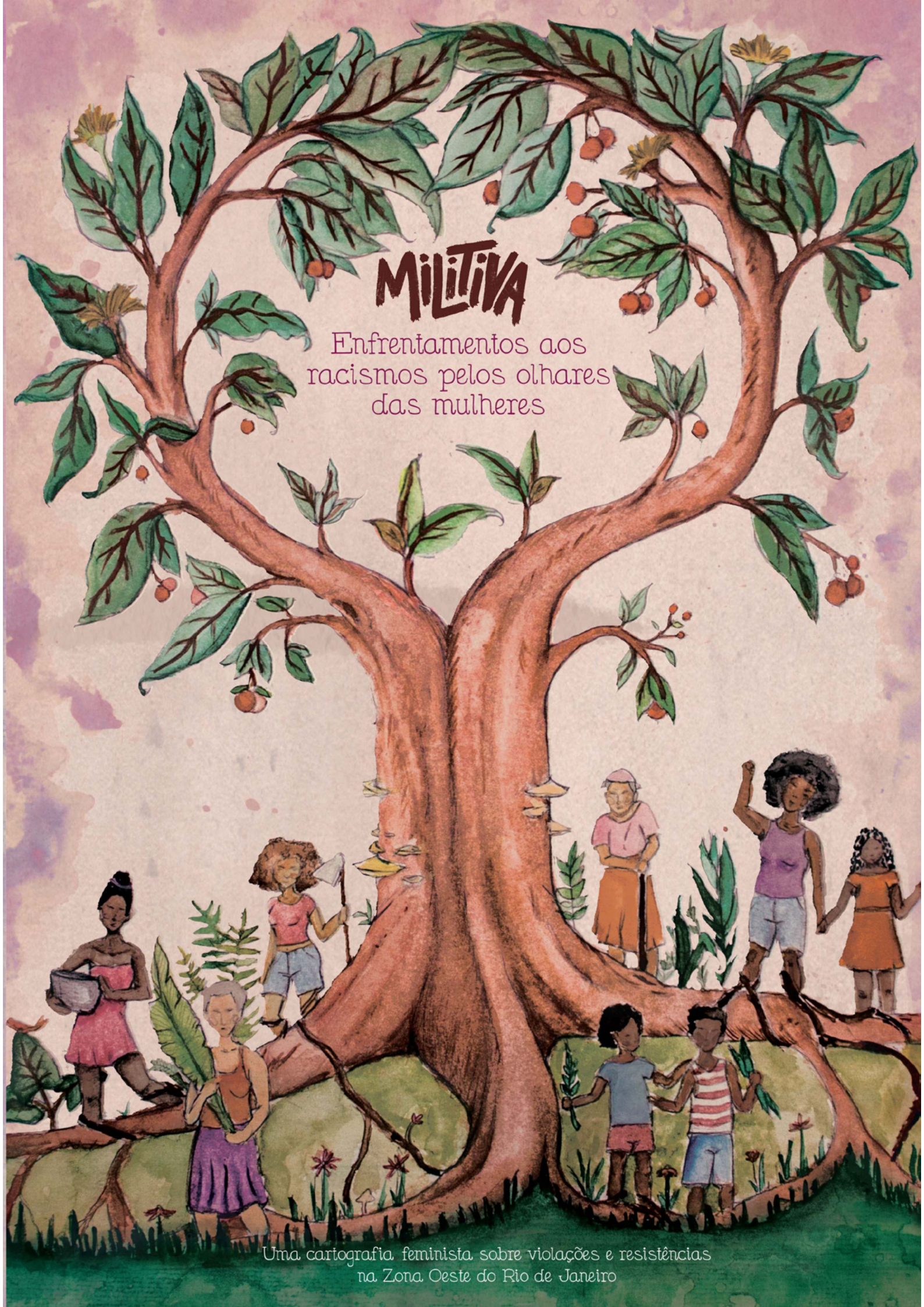

MILITIVA
Enfrentamentos aos racismos pelos olhares das mulheres
Uma cartografia feminista sobre violações e resistências na Zona Oeste do Rio de Janeiro

DA INVISIBILIDADE À RESISTÊNCIA

Militância investigativa e a defesa dos territórios

Por toda a América Latina, nossa *Abya Yala*, mulheres e feminismos diversos contestam a invisibilidade de nossas vivências de resistência, diante dos avanços de um modelo de desenvolvimento capitalista, patriarcal e racista, que explora e esgota os bens naturais, nossos trabalhos, vidas e corpos. Esta resistência que constroi alternativas para o bem viver desde os territórios.

Na Zona Oeste do Rio de Janeiro não é diferente. Cidade cada vez mais mercantilizada, segregada racialmente e militarizada, dividida artificialmente pelo Estado em zonas que expressam os privilégios das elites endinheiradas e dominantes: Sul, Centro, Norte e Oeste. Esta última região concentra a área mais extensa geograficamente, a maior agrobiodiversidade, com rios, matas, baías, mangues, povos e comunidades de agricultoras, pescadoras, marisqueiras, quilombolas, faveladas, trabalhadoras e educadoras que conformam um verdadeiro quilombo ampliado. Vale ressaltar também a presença de áreas ainda não destruídas e memórias de povos indígenas. Da Baía de Sepetiba à Baixada de Jacarepaguá, no entanto, multiplicam-se ameaças e conflitos ambientais em decorrência de grandes projetos que tratam os territórios como espaços vazios e as populações que os habitam como "obstáculos" ou "resíduos" a serem eliminados em nome do "progresso".

Tentam nos varrer do mapa, mas trazemos saberes de milenar resistência! E por isso, nessa publicação, travamos a disputa com os mapas e representações oficiais, expondo a leitura política de nossa existência através de um mapa traçado por nós, mulheres moradoras e militantes da Zona Oeste. **Enfrentamentos aos Racismos pelos Olhares das Mulheres** é uma cartografia feminista, construída coletivamente passo a passo no chão dos nossos territórios.

Ela não pretende oferecer uma representação perfeita, acabada e única da região. Ao contrário, trata-se de olhares para pensar a realidade e atuar sobre ela. Para rompermos com os muros de silenciamento, denunciar as inúmeras violências que nos atingem, os racismos que as atravessam e as histórias que marcam a cotidianidade de nossa luta.

A cartografia se faz no encontro com uma forma de construir auto-organização e conhecimentos imaginada, sentida e vivida a partir da enorme criatividade e compromisso político que levamos na lida: a Militância Investigativa. Das caravanas territoriais às ações de escuta e diálogo nas ruas e formações, dois anos de trabalho depois, chegamos ao momento de sistematizar e compartilhar um pouco dessa experiência.

Todas as definições na consolidação das informações foram realizadas por nós: os nomes que vocês encontram no mapa, os detalhes dos desenhos/ícones, assim como a escrita coletiva dos textos. A base escolhida localiza a Zona Oeste na cidade do Rio de Janeiro, mas não reproduz as fronteiras administrativas entre bairros: não são elas limites à nossa reflexão, nem nossos referenciais de vida. Nosso mapa é delimitado pelos Maciços – Pedra Branca, Tijuca e Mendanha-Gericinó – e pelas bacias hidrográficas com os rios vivos que pulsam no território. Em nosso mapa, a Zona Oeste existe e resiste como força política. Nos caminhos desses rios chegamos à Baixada Fluminense, outro tipo de regionalismo, das pertenças e vínculos entre as pessoas.

Temos ainda muito a sistematizar e contar sobre nossa prática política investigativa, construída nas margens da cidade pelo feminismo de periferia.

Em nossa página na internet **militiva.org.br** contamos um pouco mais sobre essa construção. Venha conhecer!

instituto PACS

MISEREOR
IHR HILFSWERK

Este material foi produzido, editado e finalizado pelas mulheres da coletiva de Militância Investigativa da Zona Oeste.
Rio de Janeiro, abril de 2018



ENFRENTAMENTOS AOS RACISMOS PELOS OLHARES DAS MULHERES

Não há como pensar criticamente e mapear os territórios da Zona Oeste carioca com seus processos de violação e negação de direitos, nem como identificar as formas de violência sofridas e as resistências construídas por nós mulheres, sem situar o racismo em nossa região.

Não podemos pensar, por exemplo, a luta das marisqueiras e pescadoras nas áreas litorâneas sem entender que a maioria delas são mulheres negras. É preciso compreender quem são as mulheres nas periferias e sub-bairros. Quem são as meninas cotidianamente (des) cuidadas ou que sofrem abusos nos diferentes territórios? Que meninos estão sendo mortos ou estão em situação de vulnerabilidade? Que lugares são esses onde as indústrias mais poluentes e mais agressivas escolhem para se instalar?

Vivemos os racismos todos os dias, suas raízes são históricas e estruturam as práticas institucionais que atingem as mulheres na Zona Oeste. Somos conscientes de que toda essa negação de direitos em território carioca atinge, sobretudo, as vidas das mulheres negras e empobrecidas. Que atravessam a cidade pela linha férrea em busca de emprego, que são forçadas a entrar no mercado de trabalho mais cedo, que têm a continuidade dos estudos comprometida e a sobrecarga do trabalho reprodutivo imposto. São as mulheres negras que veem adoecer e são as responsáveis pelo cuidado das mais velhas, depois de uma vida inteira de exploração. São as jovens negras as mais vulneráveis aos abusos sobre seus corpos. São os jovens negros os alvos da militarização.

Marisqueiras, pescadoras, quilombolas, faveladas, agricultoras respondem tais ameaças de genocídio cultural com sua milenar resistência. É com estas populações que aprendemos e avançamos em nossa auto-organização, protagonizada por mulheres negras, na construção de um feminismo periférico e antirracista.

Ao contar a história desse lugar múltiplo, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, a questão racial se impõe para denunciar as violações e negação de nossos direitos. E, principalmente, traçar saberes, memórias ancestrais e histórias, partindo dos territórios e da visão de mulheres que constroem resistência e alternativas para o Bem Viver.

QUEM SOMOS

Somos **mulheres** de diversas idades, origens e lugares. Moradoras e militantes da Zona Oeste, onde se constroi muitas resistências em resposta às ameaças impostas pelo capital e pelo Estado em nome de um modelo de desenvolvimento que explora e esgota os bens naturais, nossos trabalhos, vidas e corpos.

Diante de conflitos ambientais de tantas ordens, nessa região, sentimos a necessidade de construir olhares e abordar estas realidades a partir das implicações diretas em nossa vida cotidiana. No processo, subvertemos ideias comuns sobre pesquisa e produção de conhecimento e desenhamos o que pode ser chamado de metodologia, pra nós, uma prática política investigativa que carinhosamente chamamos **Militiva: Militância Investigativa**. Esse exercício nos permitiu caminhar, fofocar, acolher, escutar, comunicar, mobilizar e refletir coletivamente sobre as resistências e alternativas em nossos territórios, partindo sempre das vivências, práticas e saberes compartilhados entre nós mulheres. Os resultados foram sistematizados e contados através desta cartografia feminista **Enfrentamentos aos Racismos pelos Olhares das Mulheres**.

Enfrentamentos aos Racismos para afirmar que não é possível abordar os conflitos ambientais e as resistências protagonizadas pelas mulheres na Zona Oeste sem sua linha condutora: o racismo histórico, institucional, cotidiano, que sustenta o capitalismo patriarcal e ao qual resistimos e enfrentamos com auto-organização feminista e antirracista.

Vivenciamos a militância investigativa na busca por potencializar as resistências que construímos cotidianamente em ambientes marcados por violências e conflitos.

Nosso Oeste aponta que existe vida e luta em nossos territórios, os quais inscrevemos no mapa e na história.



VIOLÊNCIAS



Capital transnacional

Investimentos financeiros em grandes projetos que prometem "desenvolvimento e progresso", mas beneficiam a uma classe endinheirada e dominante globalmente inserida na lógica de produção de lucro do sistema capitalista.

Na Zona Oeste, o capital transnacional dá forma aos megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, ou grandes empreendimentos, como as indústrias pesadas que avançam sobre os nossos territórios como se fossem vazios, destituídos de história e de gente.

Há, com isso, um grande impacto nas formas de organização da vida social e política nos bairros e junto às comunidades tradicionais, gerando morte, impactos socioambientais, desigualdade, violências e injustiça, atingindo agricultoras, agricultores, pescadoras, pescadores, marisqueiras, principalmente mulheres, jovens e crianças e a natureza. Marca o dia a dia das disputas pelo quintal, pelo rio e pelo asfalto, pois não reconhece limites nem fronteiras para suas ambições. Explora e expropria a vida onde quer que chegue e manda as riquezas produzidas nesses territórios sempre para longe.



Especulação imobiliária e remoções

Especulação imobiliária é o que faz tudo virar cimento. Remoção é o que faz tudo virar escombro. São ações que andam de mãos dadas garantindo o enriquecimento de uns poucos privilegiados à custa da expulsão e das violações de direitos da maioria da população. A especulação imobiliária se especializa em constante destruição da cidade, coloca nos lugares condomínios que descaracterizam os bairros, elitiza os espaços, segrega e ameaça a existência de quintais, rios, quilombos e das formas de viver de pessoas que antes já habitavam os territórios.

Na Zona Oeste, da nossa cidade ela avança junto da militarização que garante o cercamento de terras, as privatizações e as disputas desiguais pelos bens comuns. Os governos e os setores da construção civil perseguem moral e psicologicamente as populações mais pobres e historicamente assentadas nas regiões alvo da especulação imobiliária, levando a uma situação de deslocamento forçado. Daí passam a coagir e a cooptar as moradoras e moradores, até expulsarem a última resistência.

A demolição das casas vizinhas, associações de bairro, posto médico, clubes, escolas e creches, somada à eliminação de linhas de transporte e ao desmatamento das áreas com vegetação remanescente, tudo isso faz com que a vida fique muito injusta e degradante. As mulheres e suas famílias, especialmente do quilombo urbano, sofrem ainda mais com a destruição de seus locais de afeto, de sua comunidade, cultura e a negação do direito à cidade.



Sequestro das águas

Sem água não há vida, por isso ela deve ser um bem de toda a população e não uma mercadoria acessível somente a quem pode pagar. Na Zona Oeste, este direito é violado pelo Estado, que não investe em políticas públicas para garantir distribuição, saneamento e controle ambiental, mas legitima o desvio e a canalização de rios assim como a exploração comercial irregular para benefício dos interesses das grandes empresas: indústrias poluentes da cadeia da mineração e siderurgia, parques aquáticos, empreendimentos imobiliários. Tais ações geram impactos como o secamento de nascentes, cachoeiras, lagos e a redução das florestas, mangues e terrenos alagadiços. Além disso, ainda vivenciamos a total falta de água em algumas comunidades e favelas estrategicamente desassistidas, vizinhas a áreas formadas por mansões e condomínios com água canalizada, piscinas e altos níveis de consumo.

A mineração de brita, saibro e outros componentes da construção civil nos territórios também impacta a Mata Atlântica e as populações que resistem nos maciços do Rio de Janeiro. A poluição das águas pelas indústrias e o impedimento de ir e vir de pequenas embarcações afetam aquelas que cultivam os mares.

Rios e canais são diariamente soterrados e transformados em valões, verdadeiras lixeiras a céu aberto, e mesmo diante de tantas violações a população ainda é "culpabilizada" como a grande vilã. Todas essas transformações e disputas predatórias pelas águas dos territórios agridem o ciclo natural, negam o direito e o acesso da população, violam as formas de viver das comunidades tradicionais que têm nas águas fonte de sustento ou ainda local sagrado e de cura. As águas estão sendo sequestradas e o preço de seu resgate é alto.



Violências

As formas de violência sofridas e identificadas na Zona Oeste são múltiplas e marcam nosso dia a dia nas casas, ruas, escolas, em nossos movimentos e outros espaços políticos. Mulheres, jovens e crianças vivem expostas aos ciclos de violências que podem ser físicas, psicológicas, sexuais e patrimoniais. Mulheres negras vivem um cotidiano ainda mais ameaçador, especialmente as lésbicas, bissexuais, trans e outras que não se encaixam nos padrões machistas e racistas impostos pelo patriarcado.

Essas múltiplas violências são formas de silenciamento, subordinação e extermínio que recaem sobre nossos corpos, modos de produção e reprodução da vida, ameaçando a possibilidade de sonharmos e vivermos bem. São violências legitimadas ou impostas pelas instituições do Estado que deveriam garantir os nossos direitos, mas funcionam como pilares da perpetuação do machismo, do racismo e do capitalismo. A ausência de políticas públicas acarreta empobrecimento material, adoecimento físico, emocional e espiritual das mulheres que, na Zona Oeste, são as grandes responsáveis pela sobrevivência das famílias.

A precariedade ou a negação do acesso à saúde pública, de qualidade, que garanta os direitos sexuais e reprodutivos, compromete o exercício da saúde integral. Nessa região, as experiências ginecológicas e obstétricas são marcadas por muitas violações, levando a situações absurdas de óbito nas maternidades e a traumas acumulados pelo atendimento médico desumanizado.

Nos contextos dos conflitos ambientais, mapeamos que a disputa pelos territórios transforma os corpos e as vidas das mulheres em verdadeiros campos de batalha, na luta por existir e resistir. Não à toa, as regiões mais fortemente marcadas pelo avanço do capital transnacional, da especulação imobiliária, das remoções, são também aquelas onde são mais altos os índices de estupro (ou violência sexual), ameaças e alta vulnerabilidade ao feminicídio.

Ao mesmo tempo em que a política de (in) segurança, pautada na militarização dos territórios e na repressão policial e de outros grupos avança, o genocídio do povo negro e pobre – especialmente jovens – também cresce acarretando dores profundas às mulheres mães, esposas, filhas, irmãs. As múltiplas violências mapeadas formam um quadro de violência. As múltiplas violências mapeadas, institucionais ou não, formam um quadro que tensiona a vida das pessoas e atinge o bem viver das mulheres.



RESISTÊNCIAS



Feminismos

Diante de um sistema que nos extermina cotidianamente de várias formas e de um Estado que legitima essas ações, nós, mulheres da Zona Oeste do Rio de Janeiro, desbravamos nossas resistências numa das sociedades que mais violenta mulheres em todo o mundo. Nossa luta feminista e periférica é uma entre tantas legítimas experiências de vida militante contra as estruturas racistas e patriarcais do sistema capitalista. As quais conhecemos e são herdadas de um longo processo histórico injusto, desigual e expropriador.

Nosso feminismo periférico é uma entre tantas estruturas de resistência feminista. Priorizamos a luta contra os racismos e os machismos porque entendemos que essas estruturas nos assolam no dia a dia através de olhares, perseguições, ofensas e injúrias, ausência de qualidade de vida e de nosso tempo para viver. Somos conscientes de que toda essa negação de direitos em território carioca atinge, sobretudo, as vidas de mulheres negras e empobrecidas.

Por isso, nossas experiências de feminismo na periferia da cidade lidam prioritariamente com a violação dos direitos à saúde e à educação compreendidas em sua integralidade. Atuamos pela mobilidade urbana, por autogestão dos bens comuns: as águas e as terras agricultáveis, as sementes crioulas e a alimentação saudável. Construímos a economia da vida coletiva. Fazemos músic, arte e luta.

A auto-organização das mulheres da Zona Oeste tem contribuído também na construção de uma cultura de segurança comunitária, em contraposição à dita "segurança pública", baseada em estratégias bélicas, racistas, que criminalizam a pobreza cotidianamente. Assim, ainda que sementes, pequenas numericamente, as coletivas de mulheres têm encontrado alternativas à cultura do medo. Mulheres se defendem mutuamente. Sinalizam umas às outras os locais mais vulneráveis nos seus percursos pela cidade. "Me avisa quando chegar", "Vamos juntas" são algumas das estratégias de nossas redes de mulheres. As redes de cuidado e afeto são nossos caminhos políticos de construção do poder popular. Através da auto-organização lutamos pela sobrevivência, pela ressignificação de nossa existência, individual e coletiva.



Relações agroecológicas no mar e na terra

Os plantios em quintais, muros e lajes, nas matas e favelas proporcionam alimentos saudáveis e cura, constroem também tradição, memória e ancestralidade. A pesca artesanal e não predatória, a coleta de mariscos nos mangues, baías e mares da região são tradição na Zona Oeste.

As relações agroecológicas aproximam pessoas de diferentes gerações e educam para o manejo consciente com a natureza. Revelam os saberes afroindígenas que a população vinda do nordeste guarda em seu dia a dia, que os povos dos quilombos e mares lutam para manter, que os quilombos urbanos – nas lajes, muros e favelas – fortalecem dentro do movimento agroecológico. São práticas que também cultivam os vínculos comunitários, as culturas alimentares e são capazes de ressignificar as vidas das mulheres no mar e na terra.

Em nosso movimento, estamos preocupadas não apenas com a produção, troca ou consumo de alimentos saudáveis – sem veneno e sem transgênicos – mas com a construção de sociedades justas, sem relações de dominação, pautadas no cuidado e no equilíbrio entre as pessoas e a natureza. Cultivamos a luta antirracista que faz com que agricultoras, agricultores, pescadoras, pescadores, coletadoras e coletadores de mariscos sejam reconhecidos na sua importância e centralidade dentro da luta ambiental na Zona Oeste. Por isso, construímos relações agroecológicas feministas, urbanas e pperiféricas. Em outras palavras: Sem feminismo não tem agroecologia.



Práticas e saberes tradicionais

As práticas e saberes tradicionais inspiram, ressignificam e potencializam nossas formas de existir e resistir na Zona Oeste.

Nossa auto-organização nos territórios molda-se nas experiências das mulheres que plantam em seus quintais e jardins, semeiam as matas, são guardiães das nascentes dos rios e das sementes crioulas; são parteiras e benzedeiras; conhecedoras da culinária de quilombo e terreiro, da alimentação saudável, do feitio de óleos, essências, cremes, sabonetes e poções de cura. As ervas e temperos unem quintal e cozinha, ganham as ruas, as praças, dão o tom das feiras e mercados solidários e dos espaços políticos a céu aberto. A afetividade e a valorização da diversidade de crenças e visões políticas colorem a luta do feminismo periférico, os modos como ocupamos os calçadões, como realizamos as caravanas de reconhecimento do nosso território, em bando ou sozinhas. O pensamento tem como *oeste* a coletividade.

São práticas que renascem a cada dia em nossa dedicação com os cuidados com nossos corpos e espaços de intimidade, na casa, na cozinha e no quintal vazado que permite o cochicho e a fofoca de portão. São práticas artesanais e de costura da identidade ancestral entre nós.



Arte, cultura e educação popular

Arte, cultura e educação popular são libertadoras, revolucionárias e transformadoras do cotidiano. Elas se fazem a partir das relações comunitárias, da valorização do saberes populares, da comunicação oral e da construção coletiva de conhecimentos comprometida com os direitos dos povos e com as lutas emancipatórias.

Queremos viver a história que não foi escrita pela oficialidade e para isso desconstruímos diariamente a autoridade dos fatos e acontecimentos inventados pelos homens do alto de seus privilégios. Aprendemos das memórias de nossas mais velhas e de suas lutas históricas tornadas invisíveis. Atuamos para resgatar e contar as histórias de luta protagonizadas por mulheres a partir dos territórios, não só da Zona Oeste do Rio de Janeiro, mas de toda América Latina, nossa *Abya Yala*.

Trocas de saberes, rodas de conversa, mutirões, pré-vestibulares populares, inúmeras expressões culturais e artísticas, seja na música, dança, teatro, audiovisual, sarau de poesia negra, preta, favelada e insurgente que se manifestam nas ocupações de praças públicas. São muitos os espaços e caminhos de nossa construção coletiva de conhecimentos e pautas políticas comprometidas com a luta por direitos e emancipação. Somos todas arte-educadoras populares e militantes.



Economia feminista comunitária

São prática econômicas pautadas no cuidado e nas relações de confiança e troca. De base comunitária, se constroem pela confiança e solidariedade, não na ambição do lucro e na exploração. Estabelecem-se a partir de redes de autogestão nos territórios e promovem o reconhecimento dos trabalhos invisibilizados realizados pelas mulheres.

Na Zona Oeste do Rio, somos muitas as trabalhadoras que transformamos o trabalho invisibilizado e não pago em potência de sobrevivência e resistência, em trabalho político que fortalece as redes de cuidados criadas e mantidas por nós. Tais práticas de troca de bens e saberes, envolvem a agricultura urbana e agroecológica, as cozinhas locais e beneficiamento de alimentos, os processos de reaproveitamento e reciclagem nas artes, artesanato, confecção de roupas e utensílios em geral, produção de arte, cultura, decisões políticas e afetos. Através destas práticas, conquistamos também o ganha pão na organização de feiras e mercados locais, espaços e encontros que oportunizam a comercialização e o consumo responsável, quando os produtos vêm diretamente das mãos de produtoras.

A economia feminista comunitária que construímos promove o reconhecimento de nossos múltiplos trabalhos em sua potência política buscando, ao mesmo tempo, a superação da divisão sexual e racial do trabalho, a construção de autonomia econômica em nossas vidas e a autogestão em nossos territórios.



Luta por moradia

A luta por moradia digna é a repercussão da luta indígena, quilombola e das ligas camponesas que ao povoarem nossa memória nos fazem mais resistentes. Na história recente da Zona Oeste da cidade, a luta por moradia se confunde com a luta contra as remoções.

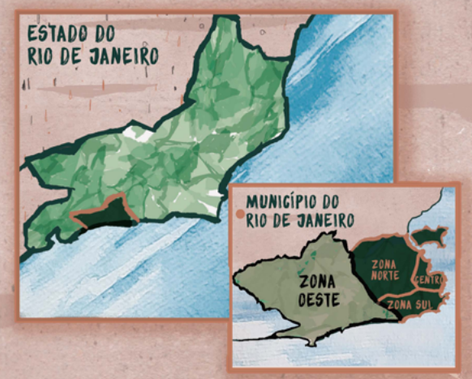
Tendo a autoconstrução da moradia quase como regra, as classes populares foram construindo suas histórias, famílias e sonhos em locais até bem pouco tempo desprezados pelo resto da cidade. Em meados do século XX, a Zona Oeste do Rio de Janeiro era o "sertão carioca", lugar longe, cheio de mosquitos, cobras e sapos.

Com a expansão da cidade e a diminuição do número de sapos, avançaram as ameaças sobre as nossas vidas. Neste contexto, a cidade viu nascerem movimentos fortes de resistência como o MUP – Movimento União Popular pelo Direito de Moradia. O movimento se modificou, mas sua cultura organizativa continua forte em nossas articulações. Neste movimento já estava presente a resistência implacável de Vila Autódromo, uma das lutas mais ferrenhas travadas pelo direito de morar na região.

São vários os prismas da luta por moradia. Experiências de autoconstrução, nos conjuntos habitacionais ou nas ocupações, onde as mulheres se organizam para a construção coletiva ou reforma de suas moradias. Aqui, o mutirão mora em nós. Há uma convergência de pautas políticas entre a agroecologia e a moradia, onde as mulheres nos movimentos populares levantaram o lema do direito a Morar e Plantar. No dia que removeram a casa e a lavoura de uma agricultora com uma só "tratorada" aprendemos que nossas agriculturas da cidade também estavam ameaçadas.

Resistir é preciso nesse quilombo ampliado que guarda a memória da vida e da ancestralidade, os afetos e as celebrações. Essa é nossa luta pelo direito à cidade, desde as vertentes periféricas que habitamos. Queremos o nosso lugar de direito e acesso público de qualidade à saúde, mobilidade, educação, trabalho, cultura e alimentação saudável próximo de onde vivemos.

ENFRENTAMENTOS AOS RACISMOS PELOS OLHARES DAS MULHERES



Feminismos

Lutas auto-organizadas por mulheres no enfrentamento aos racismos, que atacam cotidianamente nossas existências e possibilidades de sonhar. São caminhos político-afetivos de construção do poder popular.

Relações agroecológicas no mar e na terra

Práticas de cultivo e colheita presentes nos quintais, muros e lajes, nas matas e favelas, nos quilombos, e também em baías, mangues e mares da Zona Oeste. Elas revelam os saberes afro-indígenas dos povos e grupos em nossos territórios passados de geração a geração e fortalecidas pelo movimento agroecológico. São práticas que também cultivam e colhem os vínculos comunitários e com a natureza, as culturas alimentares, ressignificando as vidas das mulheres no mar e na terra.

Práticas e saberes tradicionais

Resistência ancestral que se constrói território e tem no protagonismo das mulheres as raízes de sua potência.

Economia feminista comunitária

Formas de gerir a vida comum pautadas no cuidado, nas relações de confiança, e de solidariedade. São formas de troca, produção e ganha-pão gestadas em casas e cozinhas; nas coletivas de artesãs, agricultoras urbanas e educadoras; em feiras e redes de consumo responsável.
Essas práticas visibilizam os múltiplos trabalhos realizados pelas mulheres na autogestão dos territórios.

Luta por moradia

A luta por moradia se confunde com a luta contra as remoções. Essa é a nossa luta por conquistas e permanência nos territórios ameaçados, nesse quilombo ampliado, que guarda a memória da vida e da ancestralidade, os afetos e as celebrações.
É nossa luta pelo direito à cidade desde as vertentes periféricas que habitamos. Queremos o nosso lugar de direito: acesso público e de qualidade a trabalho, saúde, mobilidade, educação, cultura e alimentação saudável próximos de onde vivemos.

Arte, cultura e educação popular

Práticas libertadoras, revolucionárias e transformadoras do cotidiano. Elas se fazem a partir da valorização de saberes populares, da criatividade e da comunicação oral e fofoqueira, na construção de conhecimentos comprometidos com os direitos e emancipação dos povos.

Capital transnacional

Investimentos financeiros em grandes projetos que prometem "desenvolvimento e progresso", mas, ao contrário, geram morte, impactos socioambientais, desigualdade e injustiça nos territórios. O Capital transnacional não reconhece limites nem fronteiras para suas ambições, explora e expropria vida aonde quer que chegue e manda as riquezas produzidas nesses territórios sempre para longe.

Especulação imobiliária e remoções

Especulação imobiliária é o que faz tudo virar cimento. Remoção é o que faz tudo virar escombro. Com isso, expulsam famílias de seus lugares de pertencimento, criam situações de deslocamento, forçado e com base na coerção e/ou violência. Afastam as mulheres e suas famílias dos seus locais de afeto, de sua comunidade e cultura. Militarizam o espaço e ameaçam a existência de quintais, rios, quilombos e formas de viver.

Sequestro das águas

Se a terra é nossa mãe, as águas são nosso leito, sustento, local sagrado e de cura.
O sequestro das águas se dá para o lucro de grandes empresas com anuência do Estado, enquanto o direito e o acesso a elas são negados à grande parte da população da Zona Oeste do Rio.

Violências

Formas de silenciamento, subordinação e extermínio que recaem sobre nossos corpos, nossos modos de produção e reprodução da vida, ameaçando o bem viver de mulheres, jovens e crianças. São violências que marcam nosso dia a dia, em casas, ruas, escolas, e outros espaços. São legitimadas ou impostas pelas instituições que deveriam garantir nossos direitos, mas perpetuam o machismo, o racismo e o capitalismo.

